



XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad

UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE O CAMPO CIENTÍFICO DA ADMINISTRAÇÃO E O PAPEL DO PROFESSOR PESQUISADOR NAS UNIVERSIDADES BRASILEIRAS

*Daniel Moraes Pinheiro - UDESC
Kellen da Silva Coelho - UFPB*

RESUMO

Discussões sobre o campo científico, suas relações e contradições inerentes aos sistemas avaliativos no Brasil têm se enveredado para o papel do professor-pesquisador, as condições a ele oferecidas, as exigências condicionadas e as limitações reconhecidas. Nesse sentido, este artigo teórico visa a tecer uma breve reflexão a respeito do campo científico da Administração e o papel do professor-pesquisador nas universidades brasileiras. Para isso, são apresentados pressupostos teóricos sobre o campo científico, de modo geral e também de forma pontual no contexto da Administração; bem como sobre a vida do professor pesquisador nas universidades brasileiras. Reflexões levam a crer que o professor-pesquisador é constantemente submetido a desafios no campo científico, que evidenciam a semelhança do campo com o sistema de trocas econômico, em que se manifestam práticas embebidas de disputas por poder, por recursos e por visibilidade.

Palavras-chave: Campo científico. Professor pesquisador. Universidade.



XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad

1 Introdução

As discussões sobre o campo científico, as relações internas, sejam elas implícitas ou explícitas, bem como na expressão das contradições inerentes à atuação dos professores pesquisadores nas universidades, tangenciam a vida e o trabalho deste profissional. A prática da ciência tem como ator central os professores, que no cerne das instituições, se posicionam, por coerção ou por vontade própria, em um campo de luta, de disputa por recursos pelo prestígio e reconhecimento profissional.

Apesar de constante nas rodas de professores e pesquisadores nos corredores das universidades ou em encontros científicos, são assuntos bastante polêmicos. As condições que afetam a produção científica começam a tomar corpo em trabalhos acadêmicos e publicações científicas. Um exemplo é a inserção do tema em periódicos importantes no Brasil, como o Cadernos EBAPE, com destaque para a discussão de Alcadipani (2011) sobre o fenômeno do chamado produtivismo que muito vem incomodando o campo; e a defesa de teses e dissertações, como a publicada por Schlickmann (2013), que trata o campo científico na administração universitária utilizando a sociologia da ciência como uma das bases de análise, ou a de Pinheiro (2013), onde trabalhando na perspectiva da sociologia da ciência, explora a vida e o trabalho do professor pesquisador em administração no sul do Brasil, expondo as questões do campo vistas sob a perspectiva destes atores.

Estes questionamentos não tratam apenas de reflexões pessoais, mas de um olhar mais cauteloso acerca das condições da produção científica e seu impacto na qualidade do trabalho dos professores pesquisadores, em última instância. As regulações institucionais no campo científico da administração são objeto de crítica e, ao mesmo tempo, espaço de acomodação de professores pesquisadores e, até mesmo, de programas de pós-graduação. Se por um lado, há aqueles professores pesquisadores que clamam por cuidado e zelo dos seus trabalhos, há também os que os que preferem não serem avaliados. Embora sejam muitas as críticas exercidas sobre o Sistema de Avaliação vigente no Brasil hoje, torna-se difícil, para muitos pesquisadores, contraporem-se se ao discurso da necessidade de regulamentação e controle do que se desenvolve em termos de pesquisa no país.

Ao entender a prática da ciência como um exercício de reflexão individual e de interação com o campo a que se encontra imersa, seus praticantes se permitem fazer escolhas no campo científico e assumir o seu papel, o qual é influenciado por múltiplas dimensões neste processo. Nesse sentido, a referida prática passa a ser profissão e parte da vida do indivíduo. Os praticantes da ciência buscam respostas, seja para inquietações pessoais, ou mesmo, para demandas sociais; logo, suas escolhas não estão destacadas de seu contexto.

À luz da noção de paradigma dada por Thomas Kuhn, cabe comentar que observação da formação de comunidades científicas permite a reflexão sobre como esse processo de escolha pode influenciar na consolidação de conceitos sobre determinado fenômeno. Para Kuhn (1987), os membros de uma comunidade científica compartilham um paradigma, a partir do momento



XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad

em que passam por uma iniciação profissional e educacional comum ou similar, possuem uma literatura técnica em que compartilham e comunicam de forma ampla o resultado de suas pesquisas entre seus pares. Nessa linha de raciocínio, as concepções paradigmáticas são resultantes de escolhas epistemológicas, calcadas nas próprias bases científicas, em que conhecimento evolui com a sua aplicação em diferentes contextos.

As escolhas dos pesquisadores estão representadas em um vasto universo de possibilidades e transcendem a produção do conhecimento em si e englobam pressões sociais, econômicas e políticas, que, por exemplo, passam a serem considerados fatores relevantes na prática da ciência. A partir do momento em que o cientista é posto à prova em sua própria comunidade, e é visto em um mundo de “pares concorrentes”, põem-se em questão também as condições de produção da ciência.

Assim, o objetivo deste ensaio é estimular a reflexão acerca do campo científico da administração e o papel do professor pesquisador no contexto brasileiro, considerando os possíveis impactos na produção científica em administração.

2 O campo científico da Administração

Vários foram os fatos ocorridos no século XIX que ocasionaram mudanças na ciência moderna: a politização na ciência; a orientação da atividade científica de internacional para nacional; e a profissionalização. O progresso foi considerado inevitável e benéfico até o momento em que a ciência passou a ser associada ao poder (HARBERER, 1979).

Para ele, a ciência não é apenas um corpo de conhecimentos ou teoria, é também uma metodologia, uma prática, uma rede de hábitos, e contém a forma como este conhecimento é adquirido, verificado e transmitido. Ela é uma filosofia, uma ideologia e até mesmo uma mitologia, em que a forma de olhar os fenômenos permite o estabelecimento de correlações e possui poder simbólico.

Assim, a ciência é uma instituição implantada na sociedade e torna-se inevitavelmente politizada, ou seja, em função da sua natureza social, impregna-se de política. Harberer (1979) esclarece que entende a ciência como politizada, pois tanto nas suas questões internas como na sua relação com a sociedade, a ciência ficou envolvida em problemas e debates políticos. Frente a isso, julgou-se que a politização da ciência requeria uma nova postura; na ciência moderna, o foco passou a ser pragmático e associado à recompensa. No modelo cartesiano, os cientistas eram considerados iguais, não havia diferenciação funcional, porém na ciência moderna surgiu a ideia de liderança institucional, sendo que, nessa perspectiva, a direção institucional passa a predominar sobre a pragmática. Os dirigentes institucionais da ciência moderna reconheceram suas responsabilidades sob uma lógica instrumental, priorizando atenção aos fins em detrimento das energias que têm sido dirigidas, haja vista que a questão da responsabilidade social foi ignorada em favor da conveniência.



XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad

No que diz respeito ao nacionalismo e ao internacionalismo da ciência, pode-se dizer que grande parte dos cientistas acredita que a ciência é uma operação predominantemente aberta e internacional, mas por meio da experiência de Harberer (1979), esta ideia é falsa, tendo em vista que a comunidade científica adere ao caráter internacional, mas a prática reflete uma orientação nacional, uma vez que as comunidades científicas estão organizadas segundo esquemas nacionais. A detenção de poder mediante os recursos tende a gerar uma tensão e as comunidades científicas não se mostram mais de modo desinteressado e fraterno, com objetivos harmônicos, mas sim os imperativos de defesa nacional, visando em maior intensidade aos interesses do Estado e não mais da humanidade.

A profissionalização deu origem a laços mais fortes entre ciência e sociedade, já que dependia de meios sociais e do financiamento público para se consolidar. Os profissionais da ciência exercem uma atividade vocacional com fundamento social dispõem de autonomia e elaboram padrões de valor. Esta autonomia tem feito com que eles acreditem que quem está fora do “mundo da especialidade” não tem opinião a dar e por isso, devem apenas exercer a confiança nos profissionais e destes depender (HARBERER, 1979).

Harberer (1979) questiona se a ligação entre ciência e política pode ser vista como uma forma de colaboração e afirma que não se foi muito longe com as críticas em relação a esse questionamento, haja vista que os enquadramentos teóricos usados nos campos da ciência e da política: a politização, o nacionalismo e o profissionalismo que transformaram a atividade científica, concomitantemente, moldaram o próprio estudo da relação entre ciência e ordem pública.

O primeiro estudioso a se lançar a estudar a sociologia das ciências foi o sociólogo americano Robert K. Merton, na década de 40. Assim, pode-se dizer que Merton recebeu o mérito de ser o precursor da sociologia da ciência, explorando a forma como os cientistas se comportam e o que os motiva, recompensa e intimida. Além disso, ao expor seu *ethos* da ciência em 1942, rompeu concepções rotuladas que consideravam os cientistas como gênios excêntricos, conduzidos por normas (MARTIN, 2001).

De acordo com Merton (1979), a ciência é um espaço regido por um sistema de quatro normas, que compõem o *ethos* científico: o universalismo, o comunalismo, o desinteresse e o ceticismo organizado; para ele, o desrespeito a essas normas compromete o valor da ciência.

O universalismo considera que as pretensões à verdade têm que ser submetidas a critérios impessoais preestabelecidos e devem ser coerentes com a observação e com o conhecimento já confirmado. Desta sorte, não há espaço para particularismos, como: raça, religião, qualidades pessoais, ou qualquer outra questão desta natureza. O fundamento do universalismo advém do caráter impessoal da ciência. As descobertas substantivas da ciência são produto da colaboração social e estão destinadas à comunidade, e a isso se chama comunalismo. (MERTON, 1979).

Já Audet (1986), ao contrário de Merton (1979) que defende a imparcialidade, discute a relação entre sujeito, objeto e produção do conhecimento na administração, sob uma lógica dialética e acredita que o conhecimento se modifica de acordo com as interações entre estes



XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad

agentes, sendo a relação entre objeto e método circular. No campo científico da Administração, configura-se uma antítese de abertura e fechamento, onde de um lado o discurso dos integrantes do campo transforma virtualmente a realidade em objeto administrável, passando a impressão de que o campo dos conhecimentos da administração se sobrepõe ao global; e por outro, este campo retrata um movimento fechado que aparenta caracterizar estratégias coletivas de autonomização e controle ocupacional dos campos de produção do conhecimento, o que faz com que uma população estável e fechada atribua a si as tarefas a serem cumpridas (AUDET, 1986).

Merton (1979) advoga que a ciência inclui o desinteresse como elemento institucional básico da ciência, sendo que esta exigência se sustenta no caráter público e testável da ciência, que contribuiu para a integridade do cientista. A transformação da norma de desinteresse em prática é apoiada pela necessidade dos cientistas em prestar contas à comunidade científica. No entanto, sabe-se que, apesar da norma do desinteresse, pode haver propósitos interessados, inclusive para pretensões espúrias e autoritárias e, nesses casos, a autoridade, tomada de empréstimo à ciência, dá prestígio à teoria anticientífica.

Quanto ao ceticismo organizado, a suspensão do julgamento e o exame imparcial das crenças, de acordo com critérios empíricos e lógicos, têm envolvido a ciência em conflitos com outras instituições. O conflito acentua-se sempre que a ciência leva sua pesquisa a zonas novas onde já há atitudes institucionalizadas (MERTON, 1979).

Martin (2001) explica que Merton, nos anos sessenta, teve como seguidores: Norman Storer e Warren Hagstrom; tal como Gerard Lemaine e Benjamim Matalon, os quais entendem a ciência como um “sistema de trocas”, semelhante ao econômico, sendo que o que os difere é a natureza dos bens trocados.

Em meados da década de setenta, o espaço científico foi expressamente marcado pelas regras do mercado e da competição. A ciência é desigual, estratificada, apresenta casos de sexismo e de racismo e é dotada de uma elite que tende a ser centralizadora de poder, que, sob sua concepção é contraprodutiva (BOURDIEU, 1994). Pierre Bourdieu não crê em uma ciência neutra, a sociologia da ciência está intimamente atrelada às condições sociais de produção, e tal como no âmbito da produção organizacional, a científica também está exposta a isso, uma vez que a capacidade de um pesquisador está sempre contaminada, durante a sua trajetória profissional, pelo conhecimento da posição que ele ocupa nas hierarquias instituídas.

A sociologia da ciência bourdieusiana se baseia na premissa de que a verdade científica reside em um estado determinado da estrutura e do funcionamento do campo científico. “O universo “puro” da mais “pura” ciência é um campo social como outro qualquer, com suas relações de força e monopólios, suas lutas e estratégias, seus interesses e lucros, mas onde todas essas invariantes revestem formas específicas” (BOURDIEU, 1994, p.122).

O campo científico é o espaço de jogo de uma luta concorrencial, cujo objeto desta luta é o monopólio da competência científica, compreendida como capacidade de falar e agir legitimamente. Desta forma, ressalta que o julgamento da capacidade científica de um pesquisador está sempre contaminada pelo conhecimento da posição que ele ocupa nas



XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad

hierarquias instituídas. Audet (1986) afirma que o campo científico é ao mesmo tempo um lugar e um sistema, em que as pessoas disputam o controle da definição das condições de produção.

A autoridade científica é uma espécie particular de capital que pode ser acumulado, transmitido e até reconvertido em outras espécies. A posse de capital científico tende a favorecer a aquisição de capital suplementar, em que a carreira científica bem-sucedida torna-se um processo contínuo de acumulação em que o capital inicial, representado pelo título escolar, tem um papel determinante. O reconhecimento marcado socialmente pela consagração diante dos pares-concorrentes deve-se ao valor distintivo de seus produtos e da originalidade. O conceito de *visibility*, bastante empregado por autores americanos, exprime esse valor diferencial dessa espécie particular de capital social: acumular capital é fazer um “nome”, que distingue imediatamente seu portador, que ultrapassa os limites do fundo indiferenciado, despercebido, obscuro, no qual se perde o homem comum. (BOURDIEU, 1994).

A partir dos anos setenta, as indagações, principalmente oriundas de ingleses, transcenderam a forma de organização e estratificação da ciência e vários pesquisadores se interessaram em investigar o estudo sociológico do conhecimento científico. Sociólogos ingleses instigaram muitas questões de sociologia do conhecimento referentes à sua relação com as condições de sua produção e a mensuração desta relação e perceberam dois tipos de retorno, oriundos de duas escolas que defendem posições relativistas. Uma delas advoga o “programa forte”, em que se reconhece a influência do contexto social e da cultural geral na determinação da ciência e a outra que corrobora a ideia da primeira, mas prega que são os traços pessoais, as características dos grupos e as identidades individuais que condicionam os saberes científicos (MARTIN, 2001).

Diante de inúmeras pesquisas, teorias, modelos e hipóteses produzidas no vasto campo das ciências humanas, apenas um pequeno percentual avança diante de alguns trabalhos iniciados. De fato, a trajetória das ideias nas ciências humanas responde às lógicas de oferta e de procura específicas. (DORTIER, 1998). Desjeux (1997) acredita que a produção de um livro e sua recepção pelos leitores dependem de um jogo social já estruturado e sinaliza cinco nítidos “mercados ou “campos” de propagação: o científico, o do debate intelectual, o da vulgarização, o do ensino e enfim o campo das “aplicações e utilizações” das ciências humanas.

De acordo com Santos (1978, p.3) “a produção científica contemporânea, isto é, a ciência enquanto sistema dominante de produção, distribuição e consumo de conhecimentos científicos reproduz e reforça, no seu domínio específico, a estrutura de dominação econômica e política.” Santos (1978) reflete sobre a crise da ciência, que segundo ele apresenta-se mais fortemente a partir da década de 1960, quando as universidades passam a perder seus cientistas para os governos e para a indústria (fenômeno que ele mesmo chama de “industrialização da ciência”). De certo modo, a própria crise acaba por provocar um debate muito maior no que diz respeito à qualidade daquilo que é produzido, pois na medida em que o cientista se submete aos fatores externos, cabe a si a escolha acerca da utilidade, para a sociedade, daquilo que é produzido.



XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad

Sobre o campo científico no Brasil, vale sublinhar que com o tempo e o processo de abertura econômica e político-institucional no Brasil para a entrada das instituições particulares com força total no mercado de ensino, sobretudo no final da década de 1990 e início dos anos 2000, com as políticas do governo reconhecidamente associadas a propostas neoliberais, o discurso em favor do profissional prático da administração se reforçou. No campo institucional, tais políticas se consolidaram e estimularam, de certo modo, a prática da pesquisa com o discurso da importância da universidade para o desenvolvimento do país. Os investimentos tomados pelos governos continuam na década seguinte. De acordo com Guimarães (2007, p.283):

Talvez não seja exagero afirmar que a política de ciência e tecnologia no Brasil esteja vivenciando um novo longo ciclo, iniciado no último ano do século passado com a criação dos Fundos Setoriais. As mudanças tiveram sequência no governo Lula, com a elaboração da Política Industrial, Tecnológica e de Comércio Exterior, da Lei da Inovação e do decreto que a regulamenta, da criação do Programa de Fomento à Indústria Farmacêutica (Pró-Farma) e do Fundo de Desenvolvimento Técnico-Científico (Funtec) pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico Social (BNDES), da Lei n. 11.196 (Lei “do bem”) e da muito recente aprovação do modelo de subsídios às empresas, pela Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP). Pela sua dimensão – cerca de R\$1 bilhão entre 2006 e 2008, deve ainda ser mencionado o programa Petrobrás de fomento à pesquisa.

Esse significativo imperativo de ordem prática se fez fortemente presente no contexto da ciência da Administração. O campo da Administração é relativamente jovem, uma vez que se consolidou nas primeiras décadas do século XX, o que implica não apenas na recente construção de seu conhecimento, mas também, na própria formação de um campo de atuação para os seus praticantes. Posto isso, as questões que envolvem a sua constituição são bastante recentes.

Chevallier e Loschak (1980), apesar de direcionarem suas observações para o campo da Administração Pública, descrevem o início de uma administração vista como ciência e uma preocupação com a demanda pela formação de profissionais para esta área. Porém, por suas características de aplicação, a administração é uma ciência cujo jogo tem um ator muito forte: a sociedade.

Isto fará com que a tensão entre a teoria e prática seja natural, ao mesmo tempo em que incomodará seus estudiosos, que, a exemplo de Pinheiro (2013), indagam-se sobre em que medida os cientistas da administração buscam construir um conhecimento útil para a sociedade e se preocupam com questões relevantes para a sociedade, bem como sobre a forma como a ciência tem fomentado a ação prática, ou como se tem traduzido o conhecimento científico para a população em geral. Embora seja perceptível que a escolha individual do cientista pode direcionar ou não para questões de interesse coletivo, nota-se que fatores externos, principalmente relativos à condição de produção a qual este sujeito é submetido, exercem influência sobre o conteúdo produzido, sobre sua publicação. A ciência da administração traz na sua composição um desafio em relação a estas escolhas, sendo que como ciência social



XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad

aplicada, precisa se posicionar frente às demandas da sociedade. Neste cenário, o papel assumido pelo professor pesquisador torna-se central a todas as discussões realizadas no contexto das universidades.

3. O professor pesquisador no campo da Administração em universidades brasileiras

O intelectual aparece somente no século XVII e domina o século XVIII, portando um novo saber, em que se combinam a revolução conceitual (a filosofia mecânica da natureza) e a filosofia experimental (com a multiplicação dos instrumentos de medidas). Convém mencionar que o intelectual do século XVIII não era ainda um cientista no sentido que temos hoje, a invenção da profissão de pesquisador é tardia e remonta ao século XIX. Foi no século XIX, que a figura do intelectual cede espaço à figura do cientista universitário e do pesquisador especializado. Ainda dominando no século XX, o professor pesquisador não está mais sozinho produzindo o saber, uma vez que o pesquisador funcionário e o pesquisador industrial o apoiam e competem com ele. Como essas transformações de identidade seguem a transformação da sociedade, no final do século emergiu uma nova figura: a do pesquisador empreendedor (LIMOGES; KEATING; GINGRAS, 2001).

A respeito da ciência da administração, pode-se afirmar que é significativamente marcada por traços característicos de uma ciência muito próxima da sociedade. Em relação àqueles que trabalham no campo científico, a dicotomia entre teoria e prática também se fará evidente na expressão de seus praticantes. Audet e Malouin (1986) dividem em dois grupos os pesquisadores que atuam neste campo: os praticantes e os não praticantes. Os praticantes seriam aqueles que estariam diretamente envolvidos com o objeto, atuam no campo como consultores, por exemplo, e não apenas em pesquisas, aulas e reflexões, como os não praticantes. E, quem seria o pesquisador? Como é o trabalho daquele que lida com o ensino e a pesquisa?

De acordo com Vinck (2007, p. 65-6), a profissão do cientista é caracterizada por estas quatro dimensões: é responsável por um corpo de conhecimento especializado, o que mantém a transmissão, a extensão e aplicação; exerce atividades de recrutamento, formação e acompanhamento dos membros de seus grupos de pesquisas e comitês; estabelece o contato regular com o restante da sociedade para garantir apoio e proteção; e a profissão tem seu próprio sistema de recompensas para motivar os seus membros e reguladores. “O trabalhador do saber é um profissional ‘reflexivo’ cuja atividade não é ajustada por sistemas pré-estabelecidos. Ele deve permanentemente resolver os problemas, inventar ou reinventar soluções e interrogar-se sobre suas atividades” (DORTIER, 2005, p. 31).

Nesse sentido, “para pertencer ao mundo dos intelectuais, não é suficiente produzir uma obra artística, científica, literária, é preciso também saber impor-se em diferentes conexões de legitimação e de consagração: a pesquisa, o ensino e a edição” (LECLERC, 2005, p.34). Para



XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad

ele, o prestígio universitário evidencia-se em quatro dimensões: o prestígio da instituição, o reconhecimento de uma obra, o trabalho de edição e publicação de artigos, e a direção de um laboratório ou um grupo de pesquisa.

Louvel (2005) destaca em seu trabalho cinco dimensões do mundo dos pesquisadores que podem auxiliar a ilustrar seu trabalho e sua legitimação: mobilizar o mundo; criar colegas; aliar-se a autores que se interessem pelas duas operações precedentes (a escola, o estado, a indústria.); evidenciar a atividade científica pelas relações públicas, pela confiança, pela ideologia; delinear o conteúdo da atividade científica. Esta última dimensão só existirá graças às quatro primeiras: a força das ideias e dos conceitos científicos. De acordo com Louvel (2005), leva à transformação de vários horizontes. Todos estes aspectos fazem parte do mundo cotidiano dos pesquisadores, ou são o estímulo que movimenta o exercício de sua profissão.

É relevante saber que a natureza da produção científica pretendida por um grupo de pesquisadores, considerando que seus esforços para o reconhecimento ou manutenção no campo estão, também, ligados ao processo de comunicação e divulgação de seus trabalhos. O trabalho do intelectual como escritor, por exemplo, traz uma importante dimensão do reconhecimento científico ao longo do tempo (SAPIRO; GOBILLE, 2006).

Em relação à produção científica, Schwartzman e Balbachevsky (2009) destacam que a participação de pesquisadores brasileiros no contexto mundial ainda é de baixa representatividade, o que demanda um esforço, especialmente dos doutores que ocupam cadeiras nas universidades e instituto de pesquisa, para inserção no mercado literário nacional e internacional. Eles ressaltam que a produção científica ainda está concentrada em poucas instituições e a produção literária é, em sua maioria, concentrada em artigos e *papers* em congressos científicos.

Escrever, publicar um livro, ter uma vasta obra literária, no entanto, parece perder importância com a concentração da produção em uma necessidade de atualização e resposta social mais rápida, voltando-se o pesquisador à publicação em revistas específicas de sua área, em fóruns de discussão e congressos. Dortier (1998; 2001) trata dos caminhos que o pesquisador percorre, seus percalços, como se depara com a pesquisa e se posiciona sobre ela, ilustrando com algumas experiências, discutindo inclusive o processo de difusão do conhecimento. Dortier (2000, p.51-2) afirma que:

a vida de pesquisador não se resume ao trabalho de laboratório ou de “campo”, [...] é participar de colóquios, é também publicar e às vezes ensinar. Passar muito tempo assim na organização material da pesquisa. [...] As relações com os colegas são outro aspecto do trabalho e são sempre ambíguas.

Limoges, Keating e Gingras (2000, p.32) comentam que “a ciência nada mais é que um negócio de ideais e de métodos, que depende muito, também, do *status* daqueles que a fazem”. As relações vão mais além do que a reflexão inerente ao trabalho, e poderá incluir programas de pesquisa de interesse econômico. Charle (1998) resalta o aspecto do interesse, das relações de poder, que dificultam a difusão dos conhecimentos, afirmando que, na medida em que se



XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad

institucionalizam os lugares de formação, de transmissão e de difusão de ideias, a concorrência entre grupos de intelectuais passa a se configurar em uma luta pelo poder e pela legitimidade.

Latour (1986, p.64) recorda, ainda, que “[...] existe uma heterogênesse das ciências. As pesquisas necessitam de laboratórios, e os laboratórios de dinheiro, de apoio e patrocínio”. Logo, o papel do pesquisador é ir além da produção da ciência, mas também, garantir as condições desta produção.

A rotina de vida de um pesquisador, portanto, pode ser tortuosa, na medida em que agrega em seu trabalho muito mais preocupações do que as normalmente atribuídas somente ao trabalho intelectual. Berry (1995, p.19) demonstra que “o pesquisador é um homem apressado: sua carga de trabalho ultrapassa frequentemente o tempo que ele pode efetivamente consagrar. A semana do pesquisador ideal excede sete dias. Assim, ele é forçado a fazer as escolhas... às vezes é doloroso.” As esferas da vida do pesquisador, para ele, assemelham-se àquelas do cotidiano de um diretor de empresa.

No atual contexto brasileiro, o curso de administração figura dentre os mais importantes, pelo menos em termos de volume de matrículas. No ano de 2011, de acordo com o censo do INEP (2013), a área de Gerenciamento e Administração liderava o número de matrículas no país, somando 1.279.297 alunos matriculados, distribuídos por mais de 1600 instituições de ensino, sendo 183 delas escolas públicas e 1434 particulares. Estes números mostram a representatividade que a área tem para o país e, por consequência, a amplitude que tem a atuação do professor de administração perante a sociedade, somente considerando a questão da formação.

De um lado, instituições universitárias com ensino, pesquisa e extensão, programas de pós-graduação e tradição acadêmica e de outro, faculdades que trabalham com profissionais “horistas¹” atuando apenas em seus cursos de graduação, os quais, em alguns casos, são conhecidos no meio informal por apenas marcar ponto durante as aulas; porém, muitos destes são profissionais bastante dedicados, e possuem vasta experiência prática, trazendo para seus alunos contribuições e visões da aplicação dos conceitos teóricos.

A Administração como disciplina científica e como profissão credenciada faz parte da modernidade, quando a progressiva racionalização das organizações públicas e privadas passa a demandar cada vez mais profissionais qualificados para a gestão (Matos et al, 2005, p. 61). A noção de utilidade do conhecimento produzido pelo pesquisador pode ser uma forma de pressão social que passa a influenciar as próprias escolhas profissionais, e essas escolhas podem, por outro lado, auxiliar a sociedade não apenas em suas demandas, mas na própria concepção de utilidade deste conhecimento produzido.

É notável um distanciamento entre os produtores de conhecimento neste campo. Aqueles que refletem sobre a teoria e o seu processo de construção e reconhecimento como

¹ Professores remunerados por hora/aula.



XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad

ciência convivem com a necessidade de avanços nas técnicas e práticas, resultantes de seu próprio trabalho, porém, apropriadas, debatidas, refletidas replicadas de maneira diversa por aqueles que a estudam. A tensão teoria e prática, especialmente na ciência da administração, não é apenas um fator a ser considerado, mas torna-se relevante para o próprio reconhecimento do papel da ciência e, conseqüentemente, dos indivíduos que fazem parte deste campo.

Os praticantes desta ciência apresentam perfis diferenciados, em que de um lado se configura o administrador formado, que estudou com professores de administração e de outras ciências e somente aplica seu conhecimento na prática; alguns deles fazem descobertas, ou até mesmo, produzem conhecimento escrito, com base na prática; e de outro lado, estão aqueles que se preocupam em estudar, em desenvolver a teoria e construir o conhecimento científico. Cada um assume um importante papel no desenvolvimento da administração.

No processo de formação ao longo dos cursos nos programas de pós graduação encontra-se a figura do professor pesquisador. Com a expansão do ensino superior no Brasil, especialmente nas últimas décadas, e o apelo para que as instituições trabalhem “em prol do desenvolvimento” do país, eles precisam optar entre se aproximar de um perfil mais teórico ou responder à sociedade com resultados ditos práticos. Somam-se a isso, as inquietações sobre como formar seus alunos e também sobre a possibilidade de uma postura equilibrada entre os ditos “práticos e os teóricos”.

Alguns professores pesquisam, formam grupos de pesquisa; outros atuam com consultoria e estão interessados em formar profissionais capacitados para o “mercado”. Isto também não exclui outros tipos de professor, como aquele que tenta conciliar as duas práticas; ou mesmo, outro tipo de professor, que pouco se direciona para o ensino e pesquisa, mas terá um forte interesse na atuação política, na condução das instituições públicas.

Nesse cenário, configuram-se professores defendendo suas ideias e teorias, em congressos, fóruns, grupos e núcleos de pesquisa, escrevendo livros, frutos de densas pesquisas; outros, fazendo o mesmo, mas a título de relato de práticas e propostas de uma vivência da experiência em gestão. Enquanto isso, órgão reguladores do campo, estabelecem as regras de diferenciação entre os professores, entre os cientistas e entre os programas.

Para sobreviver, o professor, seja qual o seu perfil, sabe que terá que fazer reflexões sobre a carreira que seguirá, quem ou o que prefere enfrentar diante de alguma decisão, quem lhe concederá suporte na sua jornada, em que proporção as regras impostas para o jogo poderão influenciar aquilo que irá produzir, dentre outras tantas que convergem com reflexões sobre o referido mercado de trabalho, a profissão de professor em administração e as possibilidades e desafios aos quais esta profissão está submetida.

Considerando a realidade dos programas de pós-graduação, observa-se que a figura do professor pesquisador não apenas é mais constante, mas uma necessidade. Para estar lá é necessário cumprir alguns passos. Então, lecionar e pesquisar torna-se não somente requisito para a prática docente, mas também, envolve questões que vão do interesse à afirmação profissional e pessoal. Estarão presentes questões políticas e econômicas, nos mais diversos níveis, e isto tende a afetar seu trabalho como pesquisador e como professor.



XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad

A diversidade de escolhas gera múltiplos caminhos possíveis para o profissional. São escolhas que vão desde a sua carreira profissional, passando pelas decisões em relação à pesquisa e à produção científica, a filiação a comunidades científicas ou, até mesmo, as atividades de seu cotidiano e a implicação em sua vida pessoal. Apesar de individuais, são decisões que podem ser influenciadas pelo contexto ou, mesmo, ter como consequência uma proposta de mudança no próprio contexto.

Este tipo de trabalho envolve rotinas específicas, mas também, jogos que se dão em arenas fora das salas de aula ou da mesa do professor. É preciso estar preparado para a articulação política tanto quanto para a negociação dentro de sua própria comunidade científica. Captar recursos, financiar suas pesquisas, torna-se fator de sobrevivência. Ser professor, por vezes, significará também ser gestor, pois os seus grupos de pesquisa dependem também desta habilidade (BINI; SERVA; MELO, 2013). Além disso, a corrida por um espaço para a publicação, para a difusão do conhecimento científico e para a divulgação de seu trabalho como pesquisador torna-se tão importante quanto a sua pontuação no triênio para garantir sua permanência em um programa de pós-graduação.

4. Considerações Finais

Hoje, no Brasil, a ciência é desenvolvida em grande parte por professores pesquisadores, que nesta condição são pressionados a se situar e se envolver em relações inerentes à complexidade do campo científico. Por isso, a compreensão do papel do indivíduo e sua visão e articulação no campo científico, a partir de suas escolhas, tornou-se um elemento que tem despertado motivado algumas inquietações. Nesse sentido, faz-se necessário também o entendimento do contexto profissional e da inserção do indivíduo em uma trajetória de vida ao longo de uma profissão.

A trajetória escolhida pelo professor pesquisador pode influenciar fortemente na sua agenda diária, assim como as filiações a instituições do campo científico. Compreender a agenda do professor pesquisador (MELO; SERVA, 2012), suas rotinas, pode significar ampliar o entendimento de como hoje, neste campo, é feita a produção do conhecimento considerando que espaço este ocupa na agenda de trabalho destes profissionais, por exemplo.

Considera-se que estão em jogo não apenas interesses pessoais, mas também, pressões de uma comunidade científica em relação às posições a serem ocupadas por estes atores, às suas filiações em instituições que compõem o campo; ou até mesmo, à forma de como é produzido e difundido o conhecimento, e se tudo isto é feito – e em que medida.

Tomar consciência e sistematizar estas questões, colocando-as em forma de questionamentos, é possibilitar que se observe cientificamente a produção do conhecimento, do ponto de vista de seus atores. Leva-se em conta não apenas a sua posição como ator-produtor, aqui entendido na figura do professor pesquisador, mas também o interesse da sociedade, seja para a formação de novos profissionais, seja para a aplicação do conhecimento teórico para



XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad

melhoria do desempenho no mercado, ou até mesmo, para a renovação do quadro de professores pesquisadores ou de profissionais que atuam como “praticantes” da ciência da administração.

Ao se remeter à realidade dos professores pesquisadores na Ciência da Administração, nota-se que a mesma está submetida a muitos paradoxos, onde ao mesmo tempo em que vigora um imperativo de auxílio a problemas sociais, econômicos e políticos do país, também se está pressionado pela lógica da instrumentalidade e de um funcionalismo imediatista, que acaba por comprometer a qualidade da produção. Na academia, a discussão acerca do fenômeno chamado de “produtivismo” passa a tomar lugar não apenas nas conversas informais, mas também, nos fóruns de debates, eventos e encontros da comunidade científica.

Isso se evidencia no mercado editorial da área, que tem lançado constantemente livros cada vez mais e mais voltados para os problemas do cotidiano tipicamente do mercado. Sai de cena o livro com forte debate teórico e entram nas prateleiras os livros didáticos, com casos práticos, exemplos do cotidiano e material pedagógico para os professores utilizarem com seus alunos. Há encontros de profissionais da área que chegam a custar para um pesquisador em média cinco salários mínimos no Brasil; encontro esses em que muitos vão discutir, por exemplo, questões relacionadas à inclusão e à dicotomia social. O que ratifica a afirmativa de Bourdieu (1994) de que a ciência é desigual, estratificada, apresenta casos de sexismo e é dotada de uma elite que tende a ser centralizadora de poder, que é contraprodutiva.

Diante disso, a captação de recursos, o estabelecimento de relações com respaldos hierárquicos, dentre outros aspectos tem aproximado, realmente a prática da ciência com um sistema de trocas, semelhante ao econômico, sendo que o que os difere é a natureza dos bens trocados (MARTIN, 2001).

O objetivo deste artigo é estimular a reflexão a partir de uma base científica proposta pela sociologia da ciência. As múltiplas dimensões do trabalho do professor pesquisador estão associadas a uma lógica influenciada pelo campo, mas que também provocam os praticantes a questionarem as condições a que estão submetidos (PINHEIRO, 2013). Estes atores precisam rever suas posições, assumindo criticamente suas escolhas, não apenas remetendo-as às instituições responsáveis pelo sistema de avaliação de programas, ou mesmo, como resultantes das práticas vigentes da comunidade científica.

Fenômenos como o “produtivismo”, agendas de trabalho que transpõem a vida pessoal, consultórios psicológicos e psiquiátricos cada vez mais frequentados por estes profissionais não devem ser uma realidade considerada como “natural” neste campo. É preciso levar estes assuntos aos fóruns acadêmicos e a discussões formais na comunidade científica, pautada em métodos e teorias compatíveis com a seriedade e notoriedade que o tema exige.

Acredita-se que seja fundamental, portanto, refletir de forma prudente, com o respaldo científico de suporte para que os professores pesquisadores tomem a consciência de que acima da pressão da estrutura do campo científico está a capacidade de um intelectual produzir conhecimento, mas também, sentir-se realizado pessoal e profissionalmente.



XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad

REFERÊNCIAS

ALCADIPANI, R. Resistir ao produtivismo: uma ode à perturbação acadêmica. **Cadernos EBAPE.BR** [online], v. 9, n. 4, opinião 3, Rio de Janeiro, Dez. 2011. p.1174-1178.

AUDET, M. **Le procès des connaissances de l'administration**. In: AUDET, M. ; MALOUIN, J.-L. (orgs.) **La production des connaissances scientifiques de l'administration**. Quebec, Les Presses de l' Université Laval, 1986.

Formatado: Inglês (EUA)

AUDET, M. ; MALOUIN, J.-L. (orgs.) **La production des connaissances scientifiques de l'administration**. Quebec, Les Presses de l' Université Laval, 1986.

Formatado: Inglês (EUA)

BERRY, M. L' agenda du chercheur. **L' action individuelle. Sciences humaines.** hors-serie, n.9, mai/jun 1995.

Formatado: Inglês (EUA)

BINI, T. J. ; SERVA, M. ; MELO, D. As habilidades de gestão dos coordenadores de grupos de pesquisa no campo da administração: uma análise baseada na sociologia da ciência. **Anais do III Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração**. Florianópolis, Março, 2013.

BOURDIEU, P. **Sociologia**. São Paulo: Ed. Ática, 1994.

CHARLE, C. Produire et diffuser: le arcanes de la reconnaissance. **Sciences humaines.** hors-serie, n.21, jun/jul, 1998.

CHEVALLIER, J. ; LOSCHAK, D. **A ciência administrativa**. Porto: Publicações Europa América, 1980.

DESJEUX, D. L' edition en sciences humanines em France, **Vie sociale**, n.3, 1997.



XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad

DORTIER, J-F. La diffusion des sciences humaines. **Sciences humaines**. hors-série, n.21, jun/jul, 1998.

_____. Qu' est-ce qu' un chercheur? **Les démarches de la science**. hors-serie n.31, dez 2000/jan-fev 2001.

_____. Lês professionnels de l' intelligence: portrait de groupe. **Les Travailleurs du savoir**. v.28, n.157, fev.2005.

HARBERER, J. Politização na ciência. In: DEUS, J. D. de. (org.) **A crítica da ciência: sociologia e ideologia da ciência**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

INEP. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira **Censo da educação superior: 2011 - resumo técnico**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2013.

KUHN, T. S. "Posfácio", in: **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo, Perspectiva, 1987.

LATOUR, B. Pasteur e Pouchet: heterogênese da história das ciências. In: SERRES, M. (org.) **Elementos para uma história das ciências**. Lisboa: Terramar, 1986.

LECLERC, G. Qui sont intellectuels? Le cas des universitaires. **Les Travailleurs du savoir**. v.34, n.157, fev.2005.

LIMOGES, C.; KEATING, P. GINGRAS, Y. Du savant au chercheur entrepreneur. **Les communautés scientifiques**. hors-série n.31, dez 2000/jan, 2001.

LOUVEL, S. Le monde des chercheurs. **Les Travailleurs du savoir**. v.34, n.157, fev.2005.

MARTIN, O. La construction sociale des sciences. in **Sciences Humaines**. Hors-serie, n° 31, décembre 2000/janvier-février, 2001.



XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad

MATOS, B. P. de. *et al.* Formação Acadêmica e Mercado de Trabalho: os destinos profissionais de mestres e doutores em Administração. In: VELLOSO, J. (Org.). **A pós-graduação no Brasil: formação e trabalho de mestres e doutores no país.** Brasília, Editora UnB, 2005.

MERTON, R. K. Os imperativos institucionais da ciência. In: DEUS, J. D. de. (org.) **A crítica da ciência: sociologia e ideologia da ciência.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

MELO, D.; SERVA, M. A Agenda do Professor Pesquisador em Administração: Uma análise baseada na Sociologia da Ciência. **Anais do II Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração.** Florianópolis, Março, 2012.

PINHEIRO, D. M. **Vida e trabalho do professor pesquisador em Administração no Sul do Brasil:** Uma análise com base na Sociologia da Ciência. 2013. 267 f. Tese (Doutorado) - Curso de Administração, Departamento de Administração, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013. Cap. 1.

SANTOS, B. de S. Da Sociologia da Ciência à Política Científica. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 1, junho, 1978.

SAPIRO, G.; GOBILLE, B. Propriétaires ou travailleurs intellectuels?. Les écrivains français en quête d' un statut, **Le Mouvement Social**, n. 214, p. 113-139, 2006/1. Disponível em: <http://goo.gl/FoPD2>.

SCHWARTZMANN, S. BALBACHESKY, E. The academic profession in a diverse institutional environment: converging or diverging values and beliefs? Text prepared for the **International Symposium on the Changing Academic Profession**, Research, Institute for Higher Education (RIHE), Hiroshima University, January, 2009.

SCHLICKMANN, R. Administração universitária: desvendando o campo científico no Brasil. 228 f. **Tese (Doutorado em Administração)** - Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.



XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad

VINCK, D. *Sciences et société: sociologie du travail scientifique*. Armand Colin: Paris, 2007.